

UM REGISTRO A/R/TOGRÁFICO AO OLHAR PARA OS PRÓPRIOS PROCESSOS DE SENSIBILIZAÇÃO NO ENSINO DA ARTE-DANÇA E SUAS TRANVERSALIDADES

Ana Paula Darolt¹

apdarolt@furb.br

Marco Aurélio da Cruz Souza^{2a}

marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

RESUMO

Este artigo resulta do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "UM OLHAR A/R/TOGRÁFICO PARA OS PROCESSOS DE SENSIBILIZAÇÃO NO ENSINO DA ARTE/DANÇA E SUAS TRANVERSALIDADES", sob orientação do Professor Dr. Marco Aurelio da Cruz Souza e co-orientação da Dra. Giovana Bianca Darolt Hillesheim, que utilizou-se da A/R/Tografia e da autoetnografia como processo metodológico. Nesse sentido, busca apresentar algumas reflexões acerca do sensível na experiência educacional de uma das autoras e em sua própria constituição enquanto professora, artista e pesquisadora.

Palavras-chave: Arte; Dança; Educação; Sensível; A/R/tografia.

ABSTRACT

This article results from the research entitled "AN A/R/TOGRAPHIC LOOK AT THE AWARENESS PROCESSES IN ART/DANCE TEACHING AND ITS TRANSVERSALITIES," under the supervision of Professor Dr. Marco Aurelio da Cruz Souza. It also had the co-supervision of Dr. Giovana Bianca Darolt Hillesheim, who used A/R/Tography and autoethnography as a methodological process. This sense seeks to present some reflections on the sensitivity in one author's educational experience and her own constitution as a teacher, artist, and researcher.

Key words: Art; Dance; Education; Sensitive; A/R/Tography.

¹ Licenciada em Artes Visuais (Uniassevi-FAMESUL), Especialista em Arte e Educação (Uniassevi), Graduanda em Dança (FURB) e professora efetiva da Rede Pública Estadual de Ensino há mais de uma década. Atualmente, ocupa o cargo de coordenadora na Escola Polo de Ensino Médio Remoto, da regional de Timbó. Também é professora de Dança Contemporânea e Dança Criativa no Viva Espaço Multicultural (VEM) de Timbó.

² Doutor em Motricidade Humana na especialidade Dança pela Universidade de Lisboa - Portugal, coordenador do curso de Licenciatura em Dança e professor da pós-graduação Especialização em Linguagem e Poéticas da Dança, ambas da Universidade Regional de Blumenau (FURB), membro do conselho científico da Associação Nacional dos Pesquisadores em Dança (2019-2021) e do conselho editorial (2021-2023). Vice-presidente da APRODANÇA – SC (2019-2023).

*"Diga-me e eu esquecerei, ensina-me e eu poderei lembrar, envolva-me e eu aprenderei."*³
(Benjamin Franklin)

INTRODUÇÃO

Ana Paula Darolt.

29 anos

Nasc. 21/10/1991

RG: 4.394.073

Matrícula como professora da rede pública estadual de SC: 662188-0-03

Vínculo (FURB): 200212 – Dança

Pessoa (matrícula): 1991

Eu não sou um número.

O objetivo geral deste artigo é investigar os reflexos do trabalho com o sensível no processo pessoal da primeira autora, acerca do ensino e aprendizagem das artes e, mais especificamente, da dança, no ambiente escolar. Por sensível, entende-se não apenas a capacidade de ter sensações físicas, reagir a estímulos e se emocionar, mas também de observar, refletir, fazer conexões, se expressar e criar, levando em consideração seu contexto e suas próprias percepções particulares. Este objetivo, desdobra-se nas especificidades de relatar estas experiências e suas respectivas reverberações nos estudantes; refletir acerca dos processos de sensibilização por meio da arte e da dança no ambiente escolar; identificar e analisar em que aspectos o trabalho com dança colabora com a educação do sensível; identificar em que aspectos o ensino sensível da arte pode auxiliar numa educação que contribua para uma formação mais humanitária⁴; e apontar possíveis caminhos pedagógicos e metodológicos do trabalho com dança na escola, pautados numa educação sensível.

Valorizar o sensível, como apontado no estudo, a partir da perspectiva de Jacques Rancière⁵, é um

³ Frase que inspirou e deu origem ao trabalho de conclusão de curso do qual discorre este artigo, citada pela personagem Anne, de Anne em Anne with an E (Anne com E).

⁴ Compreendidos como cidadãos políticos, livres, afetivos, empáticos que consideram a existência e o contexto do outro.

⁵ Jacques Rancière (n. 1940, Argélia) é Professor Emérito de Estética e Política na Universidade de Paris VIII, onde lecionou de 1969 a 2000. Na França, suas obras mais recentes são *L'inconscient esthétique* (2001), *La fable*

modo específico de habitação do mundo sensível que deve ser desenvolvido pela "educação estética" para formar homens capazes de viver numa comunidade política livre. Sobre essa base, constitui-se a ideia da modernidade como tempo dedicado à realização sensível de uma humanidade ainda latente do homem. (RANCIÈRE, 2009, p. 39)

Nesse sentido, o trabalho educacional numa perspectiva do sensível é papel de todos, mas, especialmente, dos que fomentam a Arte, sejam artistas, produtores culturais ou professores. Cabe a nós plantarmos sementes. Cabe a nós defendermos nossa área de conhecimento, e a ideia de que o aprender não se faz apenas a partir de ciências exatas.

200 páginas, 10 capítulos, 10 anos de história. Números, números, números... O que é, o que são, o que dizem?

O trabalho de conclusão de curso analisado está dividido em três partes, apresentadas em 10 capítulos e seus respectivos subcapítulos. A primeira parte conta com os capítulos intitulados: "1 PRÓLOGO", "2 INTRODUÇÃO" e "3 ARTE: O QUE REALMENTE ESTÁ AÍ?" A segunda parte é composta pelos capítulos: "4 A EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL" e "5 A DANÇA NO CONTEXTO ESCOLAR". E a terceira parte por: "6 RELATO DE EXPERIÊNCIA", "7 O OLHAR DO OUTRO", "8 RECORDAÇÕES", "9 A ESCOLHA DO LAYOUT A/R/TOGRÁFICO" e "10 CONSIDERAÇÕES FINAIS". Ao optar-se pela utilização da A/R/tografia, desenrolou-se um profundo olhar autoetnográfico⁶, apoiado, especialmente, em referenciais teóricos como: Jacques Rancière, Deleuze, Duarte Júnior, José Pacheco, Paulo Freire, Isabel Marques, Lev Vygotsky e Fayga P. Ostrower,

A primeira parte do trabalho (capítulo 1, 2 e 3) consiste numa reflexão acerca do que de fato é Arte e de seu papel na sociedade contemporânea. Destaca-se neste primeiro momento, a ideia de massificação da humanidade, que, segundo Ostrower (1983, p. 22), "revela o descaso pela individualidade das pessoas" numa época em que seres humanos parecem estar em declínio de individualidade, duvidosos de sua função no hoje. Assim, a autora nos lembra que ampliar nossa consciência através da sensibilidade é função essencial da arte.

cinématographique (2001), Le destin des images (2003), Les scènes du peuple (2003) e Malaise dans l'esthétique (2004). No Brasil, publicou A noite dos proletários (Companhia das Letras, 1988), Os nomes da história (Educ / Pontes, 1994), Políticas da escrita (Editora 34, 1995), O desentendimento (Editora 34, 1996), O mestre ignorante (Autentica, 2004) e O inconsciente estético (Editora 34, 2009). É assíduo colaborador da revista Les Cahiers du Cinema e do suplemento cultura Mais! da Folha de São Paulo.

⁶ Conforme o artigo de Bruna Leticia Potrich e Gisela Reis Biancalana "Poéticas autoetnográficas em performance arte", no caderno 8 da Coleção "Quais danças estão por vir?" (JESUS, Thiago Silva de Amorim; SOUZA, Marco Aurélio da Cruz; e MACARA, Ana. 2020), a autoetnografia permite o diálogo entre arte e elementos culturais fundindo a pesquisadora ao seu foco de pesquisa e possibilitando o olhar de forma sensível e simultânea para a dicotomia eu x outro.

Ao consumir Arte, a bagagem cognitiva do leitor aliada ao contexto, enriquecem o processo de leitura e fazem despontar muitas formas significativas. Deleuze (1974, p. 38) acredita que "através da arte nos perfuramos e somos perfurados. As imagens têm poder de fala, pois são formas e estruturas de pessoas, que indagam, se afirmam, se negam". Assim, este estudo A/R/tográfico torna-se uma metalinguagem, ao utilizar-se da própria arte como fonte de pesquisa nas reflexões sobre o ser professor/artista/pesquisador. Com estas reflexões acerca da importância da Arte atrelada à cognição, o trabalho adentra em sua segunda parte: Reflexões acerca da importância de se trabalhar com o sensível nos processos de ensino e aprendizagem, enfatizando as contribuições de Jacques Rancière com a obra "A partilha do Sensível" (2009). Para o autor, as práticas estéticas são formas de visibilidade das práticas de arte, e é o momento de modo específico de habitação do mundo sensível que deve ser desenvolvido pela "educação estética".

Investir-se numa educação do sensível, conforme também destaca Duarte Júnior (2000, p. 38), significa "não somente o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras em seu contato (pessoal e profissional) com o mundo, mas também a criação daquelas bases humanas sobre as quais poder-se-á erigir novos parâmetros do conhecimento".

Como indicações de algumas escolas que propõe uma prática pedagógica inovadora, apresenta-se: *A Escola da Ponte* (de Portugal); *O Projeto Âncora* (em Cotia, no interior de SP); *O Projeto Gente* (no Rio de Janeiro) e, mais especificamente no que tange ao ensino da dança, *O Studio Segni Mossi* (na Itália).

Cabe mencionar as principais abordagens para o ensino da dança apresentadas: A Pedagogia tradicional, A Pedagogia Crítica, A Pedagogia Feminista, e a Pedagogia da Dança Criativa⁷ que, por ser mais democrática, é entendida como a corrente metodológica mais adequada para se utilizar com crianças no ambiente escolar.

Ao mergulhar nesta relação de Dança com a Escola, faz-se necessário enfatizar a importância da pesquisadora Isabel Marques para este estudo. Ela defende a ideia da Dança enquanto área do conhecimento, acreditando que esta linguagem pode contribuir para uma reflexão sobre as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade. Marques também aponta problemas e aspectos que vêm dificultando o trabalho com a dança na escola: Um dos mais graves diz respeito ao ensino e à compreensão da dança, que se identifica em uma visão estereotipada. Na maioria dos casos, é

⁷ O que a Dança Criativa pretende mostrar é que sua prática fornece os subsídios necessários para o desenvolvimento espontâneo e criativo da linguagem do movimento; tem o objetivo de desenvolver uma ação pedagógica coerente, estimulando a criatividade, baseando-se em análises de técnicas da dança adequada às séries, com enfoque na educação psicomotora. [...] É um método de trabalho que foge de determinadas regras estereotipadas e que valoriza o processo criativo, estimulando o aluno à novas explorações e o professor a renovar sempre. (Arce e Dácio, 2007)

perceptível que a causa do pensamento distorcido é a falta de conhecimento sobre o assunto dos que integram o espaço escolar (professores, gestores e toda comunidade escolar). Ela também considera que "o estudo, e a compreensão da dança - corporal e intelectualmente - vão muito além do ato de dançar" (Marques, 2003, p. 19). Fica então a reflexão: Afinal, para quê serve a dança nas escolas? Conforme Strazzacappa (2001, p.57) a Dança na escola pode servir de incentivo para que a criança se torne artista, ao lhe possibilitar o contato com esse universo mágico. Mas a dança na escola só serve de estopim. A formação do profissional se dá fora desse ambiente. A educação básica torna-se responsável, acima de tudo, pela formação de indivíduos sensíveis. Assim, a dança na escola não forma o artista, mas pode formar um público de arte. Fato é que, conquistar uma compreensão e respeito acerca do ensino da Arte já é uma luta secular, a luta pela valorização da dança escolar então, está apenas começando. Observa-se que Arte e a Dança podem sim passar pelo entretenimento e pela apreciação que agrada um determinado público, mas suas funções não podem se reduzir a isso, principalmente no ambiente de ensino escolar.

A última parte do trabalho consiste então num relato de experiência. Este relato parte de reflexões apresentadas no artigo: *Trajatória e memórias no ensino da dança: correntes pedagógicas no processo de formação* (2018), que apresenta uma linha do tempo na Educação, Arte e Dança, da infância à carreira profissional da autora. É possível perceber que houveram muitas ressignificações nesse processo, principalmente quanto à compreensão da dança em diferentes contextos, sendo a escola um lugar de fomento dessa linguagem enquanto Arte, e o trabalho realizado por uma professora, tão latente quanto pode ser o de uma bailarina ou qualquer outro profissional da dança. Passar por diferentes metodologias de ensino desde a infância, enquanto aprendiz, e poder olhar para estas experiências que permearam da metodologia tradicional à metodologia crítica (universidade), como educadora, com certeza contribuiu muito para o próprio crescimento profissional, paralelamente a um trabalho de pesquisa.

Observa-se que Licenciatura em Dança abriu portas para muitas reflexões e percepções, como a de que o trabalho com Arte Educação, que já vinha sido desenvolvido na escola pública, poderia ser potente no desenvolvimento humano dos educandos. Mas também, que poderia - ou melhor, deveria - passar por um constante processo de evolução.

Assim como boa parte da comunidade escolar apontada por Marques (2003), os próprios professores de Arte-Dança podem ter cultivado ideias errôneas acerca deste universo, como foi o caso. Durante os últimos quatro anos, estudar, praticar e lecionar dança acabaram por modificar formas de ver, pensar e estar no mundo, mas, especialmente, de estar na sala de aula. A professora de Arte que começou a lecionar em 2010 foi uma boa professora, mas não existe mais.

Alguns discursos como “- Professor é professor, aluno é aluno. Não somos amiguinhos.” Caíram por terra. Bem como sofrimento aos finais de semana planejando aulas e, muitas vezes, optando por “fórmulas prontas”, que não desafiavam o aluno a criar, ou as muitas vezes a se perder a voz, pela necessidade de gritar. Aquela professora não conhecia verdadeiramente seus alunos. Eles eram um número. Essas questões podem ter mudado por muitas razões (maturidade, estabilidade etc.). Mas trabalhar com dança dentro da escola pública, foi a principal delas. Na aula de dança não cabia toda a formalidade e “disciplina” exigida nas aulas de Arte. Isso não “funcionava”. Precisava ser mais leve, divertido, para professora e alunos. Não eram bailarinos, eram 60 crianças, que nunca tinham dançado, com os mais diversos corpos e histórias.

Alguns logo se destacavam, pois já tinham algum tipo de relação com a dança. Ou mesmo pelo biótipo, expressão... Mas, logo percebe-se que o trabalho em questão não era para eles. O trabalho em questão era para aquele aluno que nunca pisaria num palco se eu não o colocasse nas coxias. O trabalho era para aquele aluno que não tinha amigos, que sofria *bullying*. O trabalho era para aquele que não podia pedir para o pai comprar figurino. Para aquele fora dos padrões estéticos construídos pela sociedade. Para aquele que os pais saíam antes dele acordar e chegavam em casa quando já estava dormindo. Para aquele que sofreu agressões. Para aquele que estava confuso quanto à própria sexualidade. Para aquele que nunca cogitou dançar. Quando houve esta compreensão, passou-se a olhar para os alunos com outros olhos. A enxergar quem eles eram. A perceber suas dificuldades e potencialidades. A criar uma relação de afeto e confiança. Não se pode dizer que essa relação aconteceu plenamente com todos, mas com uma quantidade significativa de alunos com os quais se partilhou histórias, risadas, angústias, preocupações, conquistas e gratidão. Eles deixaram de ser um número e se tornaram a Maria, a Sabrina, a Lissandra, a Melissa, a Natíeli, o Gustavo, e tantos outros. A “Professora Ana Paula” deu lugar à “Prof Ana”. Não só na dança, através dos projetos. Na sala de aula. Na vida. Em si mesma. E os resultados disso, foram incríveis.

O capítulo 7, tira então esta professora do lugar de fala, colocando-a como relatora de um “olhar do outro”, do olhar daqueles que levaram a tais reflexões: seus alunos. Impossível não se emocionar com cada palavra registrada que, particularmente, dizem mais que as tantas outras palavras das 200 páginas.

“[...] contribuiu muito na minha formação pessoal, comecei a enxergar o mundo com outros olhos, os olhos de quem dança. Construí uma relação de aceitação com meu corpo e com o próximo [...] Dançar me fez mais humana.” (Depoimento aluna 1)

“[...] ela entendeu e respeitou o fato de que seus alunos tinham corpos, idades, gostos, estilos, habilidades, dificuldades e formas de dançar diferentes [...] fui assimilando que a dança no contexto escolar é muito mais do que decorar uma coreografia para a apresentação [...] o desenvolvimento de olhar muito mais crítico para o mundo, uma forma incrível de lidar com os meus sentimentos e um motivo para querer estar cada vez mais presente na escola.” (Depoimento aluna 2)

“Uma professora com amor por ensinar e, acima disso, envolver, com a mais pura entrega e transparência, que me transportou para uma realidade linda e sensível, sobre eu mesma e o mundo. Meu corpo, minha mente, minhas emoções, minhas ações... Eu Imaginei. Movimentei. Senti. Entreguei. DANCEI. E dançar me salvou. Me salvou de mim, me salvou do mundo. Me salvou de tudo aquilo que não me permitia ser eu.” (Depoimento aluna 3)

“[...] Ela sempre percebeu isso, ela escutou meu pedido de ajuda sem nem mesmo eu ter falado nada e me ajudou, por meio da dança ela conseguiu me ajudar a vencer o transtorno alimentar e por conta disso sou completamente grata pela Ana e também pela dança, que foram minhas heroínas [...]” (Depoimento aluna 4)

Segue no capítulo 8, uma coletânea de outros manuscritos entregues pelos alunos ao longo dos últimos anos, e de fotografias que registram lembranças do trabalho realizado. Este material documental corporifica toda a teoria até então apresentada, utilizando-se da A/R/tografia autoetnográfica para dizer, de maneira sensível, muito além do que somente as palavras o fariam.



Fig. 01 Início da carreira na educação (arquivo pessoal)



Fig. 02 Festival escolar Dança Catarina 2018 (arquivo pessoal)



Fig. 03 Coreografia "Igualdade: Presente!" (arquivo pessoal)



Fig. 04 Coreografia "Embrace!" (Arquivo pessoal)



Fig. 05 Aula de Dança Criativa (arquivo pessoal)



Fig. 06 Professora e aluna (arquivo pessoal)

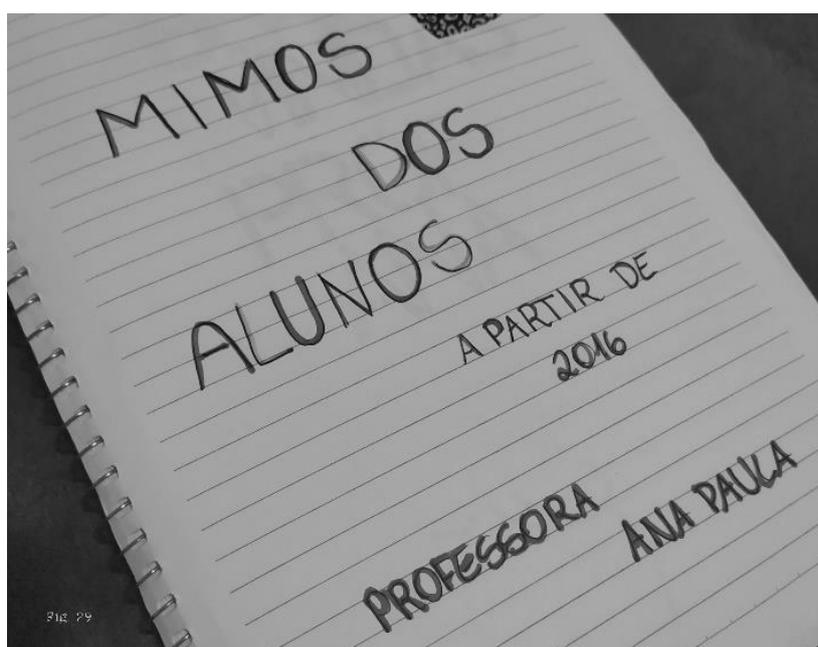
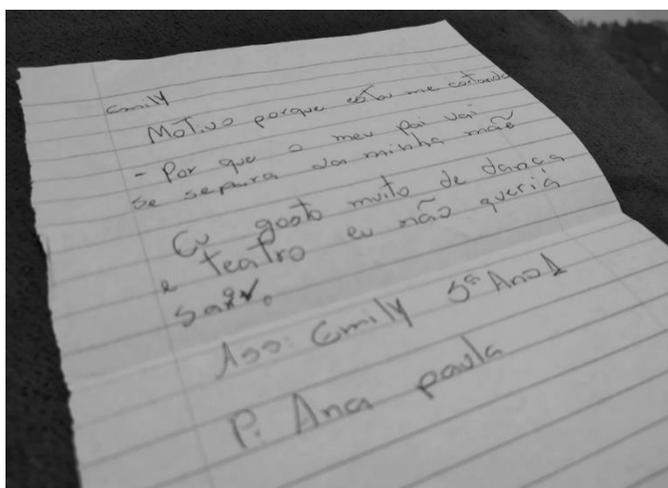
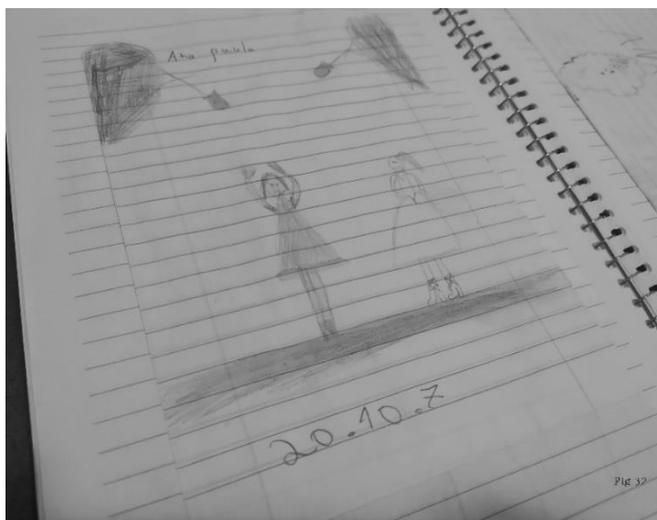


Fig. 07, 08, 09e 10 Caderno de lembranças (arquivo pessoal)



E afinal, o que seria esse ser sensível? Esta A/R/tografia compreende a sensibilidade não apenas como a capacidade de ter sensações físicas, reagir a estímulos e se emocionar, mas também de observar, refletir, fazer conexões, se expressar e criar, levando em consideração o contexto e as percepções particulares. Não apenas ver o outro, mas olhar, enxergar⁸, concebê-lo no todo. É esta educação do sensível a que deve se propor a Arte no ambiente escolar. E para fazer o aluno enxergar, e preciso enxerga-lo.

⁸ Cabe aqui distinguir o ver do enxergar. Compreendendo o ver enquanto sentido atribuído aos olhos e, o enxergar enquanto sua transcendência, sendo assim, enxergar é ser atravessado e atravessar o outro, apreender o mundo e descrevê-lo, buscar sentido, tomar para si. Da mesma maneira que Jean-Paul Sartre, na obra, *Entre quatro paredes*, refere-se a princípios éticos como a máxima “conhece-te a ti mesmo” a partir da alteridade:

- Sente-se. Chegue mais perto. Mais. Olha nos meus olhos: está se vendo neles?
- Estou tão pequenininha. Vejo-me muito mal. Muito mal!
- Mas eu vejo você inteirinha. Faça-me perguntas. Nenhum espelho será mais fiel! (1977, p. 10)

O trabalho é finalizado com o capítulo 09, intitulado “A escolha do layout A/R/tográfico”. Na A/R/tografia, os elementos visuais foram cuidadosamente pensados a fim de comunicar, em diálogo com a escrita, as ideias apresentadas, visto que a Arte, como bem enfatizado, pode – e deve – muito mais do que causar sensações estéticas mas, causar atravessamentos. Assim, desenhou-se ao longo das 200 páginas, uma história ilustrada por inúmeras e diferentes folhas secas, que representam os tantos caminhos percorridos, metodologias, escolas, professores, alunos... E as tantas versões que compõe a professora de hoje. Folhas em diferentes tons de laranja, que exprimem particularidades da artista, bem como se misturam às particularidades de cada personagem das cenas cinematográficas escolhidas à dedo para falar de arte de maneira transversal. Arte e vida se misturam, se unem, se fundem, se confundem, se completam e flamejam como o mais puro laranja: “A cor tóxica proveniente dos vulcões que mudou a história da arte”, como explana Kelly Grovier (2018), nos trechos do artigo apresentado neste capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As árvores são feitas de inúmeras folhas, com diferentes tamanhos, formatos e tonalidades...

Mas todas elas existem, porque alguém plantou as sementes.”

(Ana Paula Darolt)

O estudo desenvolvido em diálogo com a autoetnografia e a A/R/tografia, lançou um olhar sensível sob o caminho - especialmente profissional e acadêmico – percorrido pela própria autora até então. Caminho este que foi se moldando ao longo do percurso e ampliando reflexões e percepções pessoais diante das experiências vivenciadas e pesquisas em Arte, no âmbito escolar.

Falar e refletir sobre as próprias experiências não foi algo cogitado num primeiro momento. Entretanto, com uma crescente e evidente paixão pelo trabalho desenvolvido na educação, ficou difícil caminhar por quaisquer outros temas.

Nossas experiências são únicas e nos tornam singulares em cada contexto. Tornamo-nos assim, fontes de pesquisa para nós mesmos e para os outros. “Nas poéticas autoetnográficas em performance arte nos concedemos aprender com o processo criativo do outro e refletir as diferentes formas desses atravessamentos.” (HOFFMANN; GABRIEL; SOUZA, 2020. p. 16)

Olhar para si, com sensibilidade e franqueza, é difícil e desafiador. Um ato de coragem, audácia, resiliência. Também é difícil ser imparcial diante de si mesmo. Somos movidos e afetados pelo que vivenciamos. Nossas conclusões partem de um ponto de vista. "O contexto de onde viemos afeta o modo como vemos", como bem destaca Walter Benjamin, 1955, em "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica". Mas olhar para si, para os próprios processos e metamorfoses, estando aberto a ver por diferentes ângulos, também se faz necessário dentro da pesquisa acadêmica e na profissão professor, motivo pela escolha deste caminho metodológico. Somos eternos aprendizes de nós mesmos e do mundo. Aprendemos com cada turma por qual passamos, com os detalhes das salas de aulas, com cada criança, com cada frustração e com cada conquista de nossos estudantes. Um professor que não ressignifica constantemente suas práticas e seus entendimentos, não compreendeu, na totalidade, a grandiosidade do seu papel enquanto mediador de conhecimento e como ser-humano, que participa direta e indiretamente da formação de outros seres humanos. Somos mais que um número na fila da vacina. Somos mais que matrículas, mais do que índices, mais que sistemas. E nosso aluno também é.

Esta história na educação, mesmo com uma bagagem considerável, provavelmente ainda está no início, e ainda se aprenderá muito ao longo dos próximos anos. Assim se espera. Faz parte do processo. Mas, a partir do que já foi vivido, observado, estudado, refletido e aprendido, percebe-se uma necessidade urgente de desenvolver um olhar sensível para os processos de ensino e aprendizagem. É preciso olhar o aluno no todo, para além do que está escancarado. Considerá-lo em toda sua singularidade e a partir de suas urgências.

Com a análise de todo material bibliográfico e autoetnográfico aqui apresentados, foi possível refletir sobre os processos educacionais e artísticos através da singularidade da autora, observando como são e foram construídas estas práticas pedagógicas e seus atravessamentos. Isso permitiu uma investigação minuciosa dos reflexos do trabalho com o sensível no processo de ensino das artes e, mais especificamente, da dança. Com o relato das experiências e suas respectivas reverberações nos estudantes, além de refletir acerca dos processos de sensibilização por meio da arte e da dança no ambiente escolar, pôde-se identificar e analisar em que aspectos o trabalho com a dança na escola colabora com a educação do sensível, e em quê este sensível no ensino da arte pode auxiliar. Assim, foram expostos possíveis caminhos pedagógicos e metodológicos utilizados que, a partir dos registros, depoimentos e reflexões apresentadas, podem corroborar para o ensino da arte-dança.

É axiomático que a exploração do sensível na educação, contribui para uma formação estética, epistemológica, política, e ética, assim, mais humanitária. Isto se vê a partir dos resultados apresentados ao longo do trabalho, especialmente considerando o contexto do ensino formal na rede pública estadual, com crianças e adolescentes. Os alunos que passaram por processos artísticos sensíveis, visivelmente

criaram ou ressignificaram seu vínculo com a arte e, conseqüentemente, ampliaram suas formas de ver, sentir e estar no mundo.

Quanto professora, artista e pesquisadora sujeita do estudo, pode-se dizer que todas as experiências vividas no campo de ensino e aprendizagem da arte foram e continuarão sendo extremamente significativos no processo de formação pessoal e profissional. Hoje, é possível perceber que a Dança teve um papel fundamental nesta história, ressignificando práticas e colaborando para que estas transformações transcendam o corpo, as salas de aula, e as paredes das escolas. Nós professores podemos não saber quantas vidas transformamos, mas elas saberão.

REFERÊNCIAS

ARCE, Carmem; DÁCIO, Gabriela Mavignier. **A dança criativa e o potencial criativo: Dançando, criando e desenvolvendo.** Revista Eletrônica Aboré. Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo. 3ª Ed. 2007

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade.** In: _____. Magia e Técnica, arte e política -ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança.** Urdimento, v.2, n.27, p.168-183. Dez de 2016.

DAROLT, Ana Paula; HILLESHEIM, Giovana Bianca D. Trajetória e memórias no ensino da dança: correntes pedagógicas no processo de formação. Revista "**O Teatro Transcende**" Departamento de Artes – CCEAL da FURB – ISSN 2236-6644 - Blumenau, Vol. 23, Nº 1, p. 92 - 110, 2018 – Edição Especial dos 45 Anos de Artes na FURB

DELEUZE, Gilles. **Lógica dos sentidos.** Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 2000. 233 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>>. Acesso em: 27 out. 2020.

GROVIER, Kelly. **A cor tóxica proveniente dos vulcões que mudou a história da arte.** BBC. 24 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-43436389>>. Acesso em: 22 de julho de 2021.

HOFFMANN, Carmen Anita; GABRIEL, Eleonora; SOUZA, Maria de Lourdes Macena de. **A gira das três saias.** In: JESUS, Thiago Silva de Amorim; SOUZA, Marco Aurelio da Cruz; MACARA, Ana. ORGs. Saberes-Fazeres em danças populares. Salvador: ANDA, 2020.

JESUS, Thiago Silva de Amorim; SOUZA, Marco Aurelio da Cruz; MACARA, Ana. ORGs. **Saberes-Fazeres em danças populares.** Salvador: ANDA, 2020.

LOBATO, Flávia Navarro da Silva. **Não é aceitável um modelo educacional em que alunos do século XXI são 'ensinados' por professores do século XX, com práticas do século XIX.** 2017. Disponível em: <<https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/?q=node/28497>> Acesso em: 19 Jun 2021.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola.** São Paulo: Cortez; 2003.

OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte.** 13ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível.** São Paulo: Editora 34. 2009.

SARTRE, Jean-Paul. **Entre quatro paredes.** Trad. Guilherme de Almeida. 1 Ed. São Paulo: Abril Cultural. 1977.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Dançando na chuva... E no chão de cimento.** In FERREIRA, Sueli (org.). O ensino das artes: Construindo caminhos. 1ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001